

**REGGAE E GEOGRAFIA NA
SALA DE AULA:
Guia de orientações
didáticas**

ROSANGELA COELHO COSTA

REGGAE E GEOGRAFIA NA SALA DE AULA



São Luís
2019

Reitora da Universidade Federal do Maranhão

Professora Dr^a Nair Portela Silva Coutinho

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PPPGI)

Professor Dr. Allan Kardec Duailibe Barros Filho

**Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino
da Educação Básica (PPGEEB)**

Professor Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes

Orientador da pesquisa

Professor Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes

Ilustração

Professora Rosângela Coêlho Costa

Diagramação

Mariceia Ribeiro Lima

Organização

Professora Rosangela Coêlho Costa

Gravuras e Imagens

© 2019 Copyright Canva



APRESENTAÇÃO

De modo geral, as escolas brasileiras desenvolvem muitos conteúdos de ensino em forma de projetos, dentre eles estão a pedagogia de projeto e o projeto de trabalho. O primeiro prevê uma organização de conteúdos por meio da prática trazendo nova perspectiva no processo ensino aprendizagem dos alunos como forma de potencialização a interdisciplinaridade, o último, defende a organização do conhecimento por meio do enfoque globalizador colocando os discentes como protagonista da sua aprendizagem, responsável pela busca do conhecimento, e se submete a pesquisar com a perspectiva de extensão do conhecimento e o professor com o papel de mediador desse processo de aprendizagem.

Do exposto, optamos pelo projeto de trabalho, haja vista que apresenta uma proposição inovadora no processo de aprendizagem dos discentes, oportunizando-o sempre a desenvolver a organização da informação na perspectiva transdisciplinar possibilitando a multiplicidade de outras vertentes do conhecimento que vão se construindo a partir da necessidade da aprendizagem e da produção de novos objetos de conhecimento.

Neste sentido, desenvolvemos o presente Guia de Orientações Didáticas de Ensino da Geografia Escolar, que derivou da Web Site, intitulado: "Reggae no contexto escolar" (www.reggaenocontextoescolar.webnode.com). Dessa forma, selecionamos alguns conteúdos do referido site, como uma forma de possibilitar aos docentes de Geografia a desenvolver um projeto de trabalho sobre o reggae na perspectiva geográfica. Assim, consideramos que a sala de aula é um espaço de construção e reconstrução de saberes, tendo em vista que o docente pode propiciar situações pedagógicas que desperte o(a) aluno(a) a ser instigado e provocado para fomentar ações significativas.

Acrescentamos, também que o Guia de Orientações Didáticas situa-se no contexto da Lei Nº 10.639/03, que prevê a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana no currículo das escolas da Educação Básica. Neste sentido, o reggae situa-se neste horizonte, pois é um gênero musical negro, que faz parte da Jamaica, país da América Central, e do Maranhão. Os dois lugares, espacialmente distantes, porém próximos de uma mesma realidade: possuem uma população, majoritária negra, e que sofrem marginalizações sociorraciais. Daí, o nosso material didático se apresentar como uma contribuição de propostas de conteúdo, relativas à temática negra, especificamente sobre o reggae no contexto do ensino da geografia.

Por conseguinte, esperamos que estas orientações pedagógicas possam contribuir expressivamente nas práticas didáticas do docente, assim como permitir aos discentes afro-maranhenses um sentimento de autoestima e orgulho dos legados da população negra, sobretudo em não permitir o silenciamento de todas as manifestações da cultura negra.

Sumário

APRESENTAÇÃO

**1 UM POUCO DA HISTÓRIA SOBRE PEDAGOGIA DE
PROJETOS E PROJETOS DE TRABALHO, 5**

**2 PENSADORES DA PEDAGOGIA DE PROJETOS E
PROJETO DE TRABALHO, 8**

3 UM POUCO DO REGGAE EM SÃO LUÍS, 13

**4 PASSOS SUGESTIVOS PARA A EXECUÇÃO DO
PROJETO DE TRABALHO, 16**

**5 GUIA PEDAGÓGICO DAS ATIVIDADES DE UM
PROJETO DE TRABALHO SOBRE O REGGAE E
GEOGRAFIA NA SALA DE AULA, 23**

6 CONCLUSÃO, 33

REFERÊNCIAS, 35

1 UM POUCO DA HISTÓRIA SOBRE PROJETOS DE TRABALHO E PEDAGOGIA DE PROJETOS



Figura 01 Jhon Dewey - Kilpatrick

Fonte: www.biography.com/scholar/john-dewey Acesso em 15 de jan 2019

1 UM POUCO DA HISTÓRIA SOBRE PROJETOS DE TRABALHO E PEDAGOGIA DE PROJETOS

A história dos projetos de trabalhos inicia-se com a Pedagogia de projetos, na década de 1920 no movimento da Escola Nova. A ideia era de romper com as velhas práticas que ocorriam no campo educativo tradicional, num contexto histórico de mudanças econômicas com advento da industrialização e o início da democracia. Nessa primeira fase, essas mudanças na educação ocorrem com a grande contribuição de John Dewey apontando necessárias transformações na prática de ensino por meio da pedagogia de projetos.

A pedagogia de projetos objetiva o aprendizado dos discentes através da experiência em sala de aula, com a perspectiva de aproximação da escola com o cotidiano da vida. Ou seja, Dewey apresentava discursos contrários ao ensino fragmentado baseado no acúmulo de matérias de forma descontextualizada.

Na segunda fase com Fernando Hernández em 1990 surge com concepção de ensino sobre Projeto de Trabalho. Essa nova concepção de ensino se dá em um momento marcado pelo processo de globalização em que a sociedade perpassa por profundas alterações em todo contexto, em especial na conjuntura educacional.



Figura 02: Globalização

<https://economia.culturamix.com/medidas/a-globalizacao-economica>

Acesso em 15 de jan. 2019

Novamente, vem a incessante necessidade de revermos a nossa prática pedagógica baseada nesse pensar sobre a educação em propor possibilidades de aprendizagens significativas aos(as) discentes, processo em que eles mesmo possam ser o construtor do seu conhecimento tendo como base para isso o enfoque globalizador (tema) próximo dos discentes para o início do projeto de trabalho.

Salientamos que há dois princípios que distinguem a pedagogia de projeto e projeto de trabalho. O primeiro princípio que os diferenciam é o contexto histórico em que ambos surgem, a pedagogia de projetos em 1920 e o projeto de trabalho em 1990. No projeto de trabalho o aluno é quem executa as atividades, o papel do professor é de mediador desse processo de ensino aprendizagem e na pedagogia de projetos o professor é quem executa as ações.



2 PENSADORES DE PROJETOS DE TRABALHO E PEDAGOGIA DE PROJETOS

“Quando um indivíduo sucumbe ou morre, a vida continua em outros seres, cada vez mais complexa, mais readaptada e mais perene, tendo em si mesma o segredo de sua perpetuidade. Ora, se assim é coma vida física e animal, não o é menos com a vida social. A vida social se perpetua por intermédio da educação. O que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica, a educação é para a vida social” (DEWEY, 1985, p. 117)

2.1 John Dewey

John Dewey importante filósofo, foi o percussor da pedagogia de projetos. Seus discursos sobre a educação provocaram várias críticas por ter ideais que contrariavam a cúpula acadêmica. Suas ideias eram a favor de uma educação voltada pela experiência em sala de aula, ou seja, a prática pedagógica que priorizasse o experienciado pelo discente que tivesse relação com a sua vida no cotidiano. Seu pensamento era voltado para a reconstrução e reorganização da experiência de forma contínua, acreditava que as crianças não estavam sendo preparadas para a vida nesse modelo educacional tradicional. (DEWEY, 1985).

Dewey foi quem realizou as primeiras experiências por meio do Método de Projetos, suas ideias foram alicerces para a Pedagogia de Projetos. Tinha como base a corrente filosófica do pragmatismo. Essas primeiras experiências, Dewey chegou a realizar em uma escola primária da Universidade de Chicago no ano de 1896, que era uma escola experimental. Considerava que a criança podia ser associada a experiência comum, e que é passível de alterações de acordo com as relações internas e sentidos, podendo estar condicionado ao sucesso ou fracasso da atividade.

Sobre esse pensamento, de educação é vida como transformação Dewey afirmava que “o processo educativo, portanto, não tendo nenhum fim além de si mesmo, é o processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida” (DEWEY, 1985, p.126).

John Dewey se tornou um importante filósofo que deu início as transformações na escola tradicional por meio do Método de projeto, sendo considerado o mentor pioneiro dessa concepção de ensino servindo de suporte para os estudos sobre projetos no espaço escolar.



Figura 3: John Dewey 02 (1859-1952)

Fonte: <https://www.biography.com/scholar/john-dewey/> Acesso em 15 de jan 2019

2.2 William Kilpatrick



Figura 04: William Kilpatrick (1871 -1965))

Fonte:<http://rationalexpressions.blogspot.com/2014/06/its-well-known-ideas-that-we-need-to.htm/> Acesso em 15 de jan 2019l

William Kilpatrick, colocou em prática o pensamento teórico de Dewey, com base no pensamento de seu precursor escreveu detalhadamente o método de projeto do movimento educacional americano progressista que foi um dos mais importantes do movimento internacional da época. Seu contato inicial com o filósofo Dewey ocorreu em Chicago em uma palestra proferida por Dewey em 1898. Tinha como concepção de ensino o Método de Projeto que consiste no ensino por meio da experiência, que surgiu da necessidade da reforma curricular americana. Logo, William Kilpatrick, foi o maior difusor das ideologias de John Dewey, colocou em prática a teoria e a experimentação que é a base para que ocorra o processo ensino aprendizagem dos alunos rompendo com os ideais tradicionais da educação.

Assim, Kilpatrick (1977) já dizia que “o processo tradicional da escola foi, de um modo ou de outro, largamente antidemocrático”. Desta forma o pensamento de Kilpatrick foi dando um novo formato de conceber o processo educativo em que a experiência devia ser considerada como ato de mudança no processo ensino aprendizagem dos(as) alunos (as).

Aqui queremos salientar, a importância e a contribuição dos pensamentos de Dewey, para que Kilpatrick posteriormente colocasse em prática no contexto educacional a ruptura de velhas práticas educacionais por meio do Método de projetos que deu origem a Pedagogia de Projetos na década de 1920.

2.3 Fernando Hernández

Fernando Hernández, Dr. em psicologia, professor de História da Educação Artística e de Psicologia da Arte na Universidade de Barcelona, coordena o curso de doutorado em Arte Visuais na Faculdade de Belas Artes em Barcelona na Espanha. Hernández é o mentor de Projeto de Trabalho na perspectiva de uma concepção de ensino, se apoiando nas teorias de Dewey. Defende que a organização do currículo pode ser realizada por meio do projeto de trabalho, partindo de um tema que tenha significado aos discentes.

Aponta essa perspectiva de ensino como uma metodologia de ensino que possibilita a transformação social do aluno e considera-o como protagonista na construção do seu conhecimento, coloca o professor como mediador nesta proposta de ensino, pois considera que o próprio docente também aprende porque este participa do processo da pesquisa durante a realização do projeto de trabalho.

Enfatizamos que o Projeto de Trabalho possibilita a aprendizagem dos discente com mais eficiência do que os conteúdos disciplinares. Para ele essa forma de aprendizagem produz o conhecimento fragmentado, aborda uma concepção homogênea, enquanto o Projeto de Trabalho possibilita a aprendizagem por meio de múltiplas fontes e não só de uma única como o livro didático em sala de aula.

Hernández chama ainda de métodos globalizados, os que não tem como ponto de partida os conteúdos disciplinares, centra esse ponto de vista na transdisciplinaridade como o grau máximo entre as disciplinas, pois a tendência dos métodos globalizados é que as aprendizagens sejam significativas e que ultrapasse o muro da escola. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 2017).



Figura 05: Fernando Hernández

Fonte> <http://curso-projetos.blogspot.com/2010/04/fernando-hernandez.html>

Na concepção de projeto de trabalho o estudioso aponta que há a aproximação do aluno com a escola nesta perspectiva de ensino pois no seu ponto de vista o(a) docente e o(a) discente devem estar em atuação em conjunto neste processo.

Em suma, Hernández concebe que o Projeto de Trabalho não se trata de um método, mas uma concepção de educação que tem a função de possibilitar mudanças na prática de ensino e propor situações de aprendizagens significativas ao discentes, que passa de sujeito passivo para sujeito ativo na construção do conhecimento.

Hernández chama ainda de métodos globalizados, os que não tem como ponto de partida os conteúdos disciplinares, centra esse ponto de vista na transdisciplinaridade como o grau máximo entre as disciplinas, pois a tendência dos métodos globalizados é que as aprendizagens sejam significativas e que ultrapasse o muro da escola. (HERNÁNDEZ; VENTURA, 2017).

Na concepção de projeto de trabalho o estudioso aponta que há a aproximação do aluno com a escola nesta perspectiva de ensino pois no seu ponto de vista o(a) docente e o(a) discente devem estar em atuação conjunta neste processo.

Em suma, Hernández concebe que o projeto de trabalho não se trata de um método, mas uma concepção de educação que tem a função de possibilitar mudanças na prática de ensino e propor situações de aprendizagens significativas ao discentes, que passa de sujeito passivo como ativo na construção do seu conhecimento.

3 UM POUCO DO REGGAE EM SÃO LUÍS





Figura 06: Reggae em São Luís

Fonte: Arquivo pessoal

A trajetória do reggae em São Luís data desde o fim da década de 1970, simbolizada pela resistência desse gênero musical que tem suas origens na Jamaica, localizada na América Central, faz parte do conjunto das Grandes Antilhas do Mar do Caribe. O reggae na Jamaica teve suas origens na década de 1968, nasceu da mistura de outros ritmos como o ska e rock steady que contribuíram para o reggae conquistar seu espaço cultural na Jamaica. Evidenciado internacionalmente por Bob Marley grande cantor jamaicano de reggae de todos os tempos, foi o responsável pela difusão do reggae pelo mundo.

Em São Luís o reggae trilhou em passos lentos até ser reconhecido culturalmente pela população maranhense. O reconhecimento foi tardio, mas foi motivo da criação da Lei que garante o dia 5 de setembro como o dia Municipal do Regueiro em São Luís do Maranhão. A Lei nº 4102/02, aprovada em 30 de outubro de 2002.

Em 1990, São Luís ganha a alcunha de Jamaica Brasileira, título dado por Jimmy Cliff quando fez uma apresentação no Espaço Cultural, localizado ao lado da atual Praça Maria Aragão. O Jornal Nacional, Rede Globo, fez uma matéria divulgando a vinda do citado cantor jamaicano. A partir daí, a alcunha tomou mais popularidade midiática. Além do título de Jamaica Brasileira, São Luís também é chamada de Capital Brasileira do Reggae (SILVA, 2016).

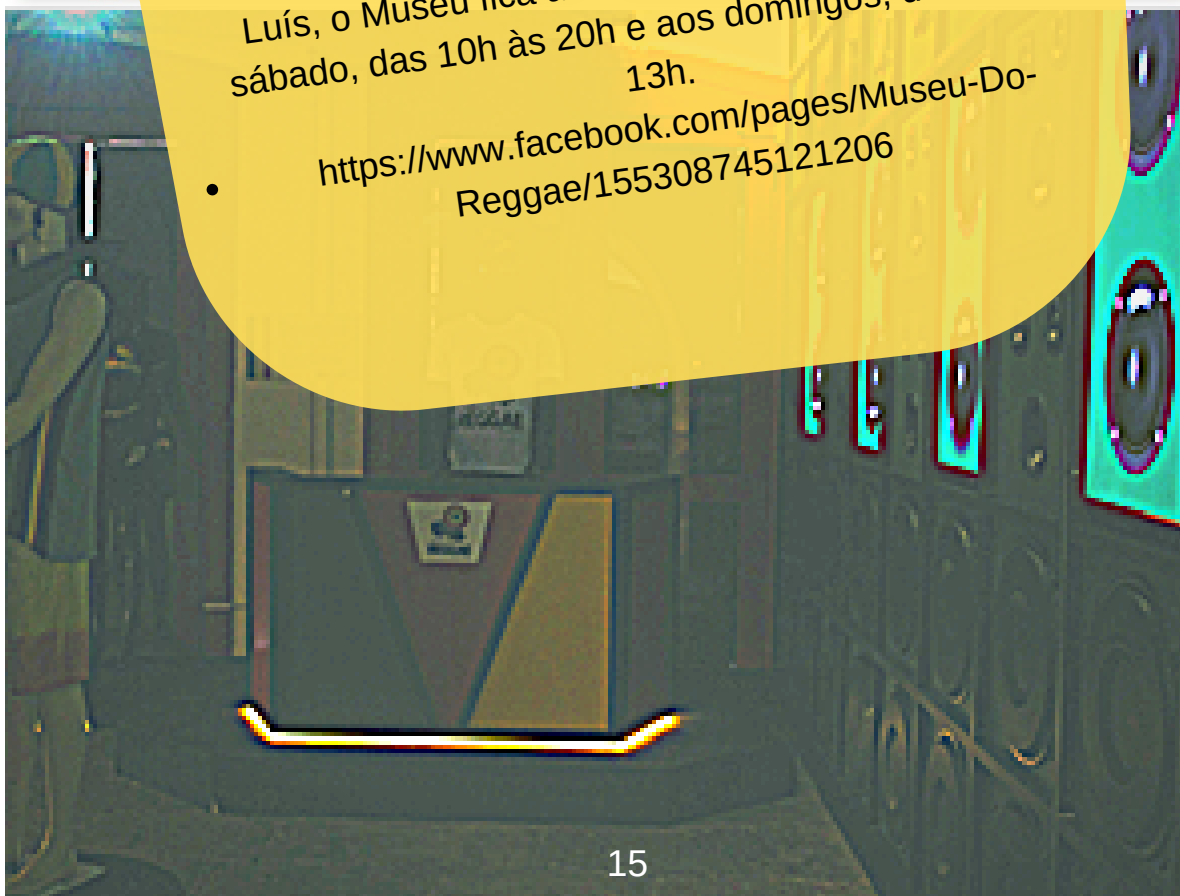
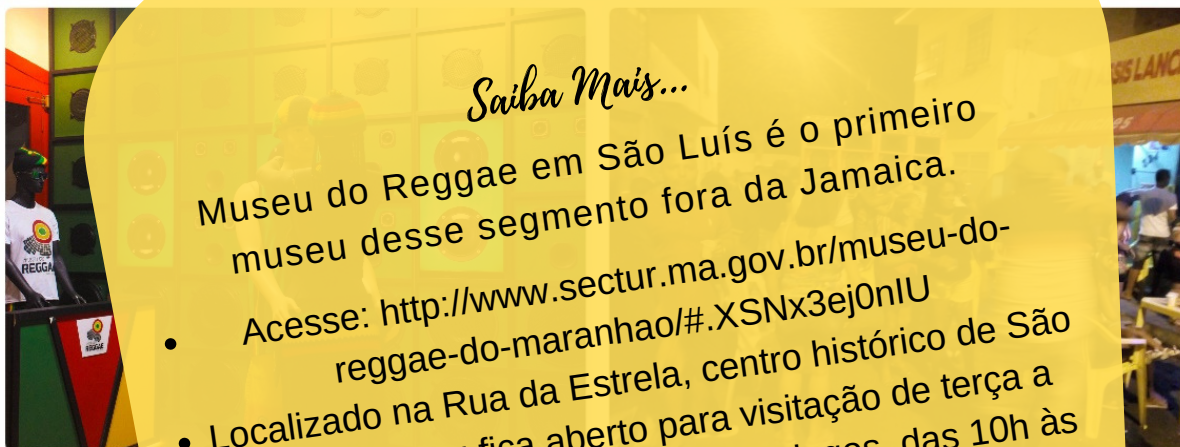
Reconhecendo o reggae como gênero musical identitário cultural dos afros maranhenses, apresentamos como proposição de tema para ser desenvolvido na qualidade de projeto de trabalho na sala de aula por fazer parte da realidade sociocultural dos discentes.



Saiba Mais...

Museu do Reggae em São Luís é o primeiro museu desse segmento fora da Jamaica.

- Acesse: <http://www.sectur.ma.gov.br/museu-do-reggae-do-maranhao/#.XSNx3ej0nIU>
- Localizado na Rua da Estrela, centro histórico de São Luís, o Museu fica aberto para visita  o de terça a sábado, das 10h às 20h e aos domingos, das 10h às 13h.
- <https://www.facebook.com/pages/Museu-Do-Reggae/155308745121206>



4 PASSOS SUGESTIVOS PARA A EXECUÇÃO DO PROJETO DE TRABALHO



Figura 07: Execução de projeto de trabalho
Fonte: Pesquisa empírica

Como relatamos anteriormente, não se trata aqui de receitas, mas de algumas orientações para que possamos seguir os passos de uma intervenção pedagógica por meio de projeto de trabalho. Para seguir qualquer sequência de ensino aprendizagem de um projeto de trabalho precisamos de um planejamento, assim trouxemos como proposta de orientação didática a seguinte estrutura de projeto de trabalho que auxiliará na sua organização.

Vejamos na página seguinte:

4.1 Escolha do Tema

O tema é elemento inicial de um projeto de trabalho. A escolha deve partir de uma situação problemática, da necessidade que surge no âmbito escolar ou fora dela, da realidade do discente, ou de algum fato levantado pelos discentes. A escolha pode ser feita no coletivo com a participação de alunos e professores. Essa organização se dá de forma intencional. Após a escolha é aconselhável que todos da escola tomem conhecimento da realização do projeto e o título fique exposto na escola em local visível, assim todos são informados que está acontecendo um projeto no âmbito escolar. Situação geradora, a qual será definido o título do projeto escolhido conjuntamente entre alunos e professores.



4.2 Seleção dos objetivos

Serão definidos com base em que o docente pretende que o aluno aprenda, tendo como foco o tema, ou seja, o enfoque globalizador e quais propósitos queremos que nosso aluno alcance. É o momento de destacar o problema, para que o projeto possa ter uma resolução de forma delimitada, evitando objetivos que não sejam coesos. Os objetivos devem ser precisos.

4.3 Trajetória metodológica do projeto de trabalho

Se constitui na trajetória que o projeto de trabalho norteará para que a eficácia da sua execução seja garantida. Os meios pelos quais os discentes serão incumbidos de percorrer com os mecanismos estabelecidos durante a execução do projeto. Aqui o docente deve estar suscetível a possíveis alterações que possam surgir durante a execução do projeto.

4.4 Ações do Projeto

Nessa etapa do projeto os(as) alunos(a) também podem participar da proposta de organização das ações previstas, definição do tempo nas realizações das tarefas para a busca das informações que procuram pelas respostas. É um momento interativo entre professor(a) e aluno(a). Orientamos que as ações estabelecidas devem estar em consonância com a realidade dos discentes e o espaço escolar, observando a realidade do espaço educativo.

4.5 Apresentação dos trabalhos

É o momento da realização da exposição dos trabalhos produzidos durante o Projeto de Trabalho. Se traduz na interação do que foi aprendido, ou seja, é o momento de interlocução no processo ensino aprendizagem dos discente. Não deve ser necessariamente um evento grande, mas um momento de exposição e apresentação dos trabalhos realizados. A forma de organização da exposição depende da realidade da escola e da criatividade do docente e alunos. O importante é fazer a apresentação dos resultados que irá oportunizar ao discente expor o que aprendeu com base no tema desenvolvido no projeto. Atende os seguintes pontos: expor as descobertas que fizeram, suas hipóteses, suas criações e conclusões. Nesse momento o docente também tem a oportunidade de avaliar as aquisições feitas pelos(as) discentes.





4.6 Avaliação

Essa fase se constitui como um instrumento capaz de reaver os pontos positivos e negativos que se deu durante o projeto de trabalho, que perpassa por três momentos:

- A) Avaliação Inicial: compreende o momento em que instigamos os discentes acerca do que sabem sobre determinado tema. Nessa fase é necessário fazermos os levantamentos dos conhecimentos prévios, com questionamentos referentes ao que for trabalhado nos projetos por meio de discussões em sala de aula e/ou registros feitos pelos discentes. Assim teremos elementos sobre o que os alunos sabem e devem aprender sobre o objeto de estudo.
- B) Avaliação Formativa: essa fase avaliatória se concentra nos momentos em os discentes estão construindo os seus conhecimentos por meios das atividades realizadas e pesquisas, ou seja, durante a execução do projeto por meio das ações traçadas.
- C) Avaliação recapitulativa: perpassa pelas avaliações inicial e formativa, com base nos objetivos desenhados. O importante não é avaliar o que aluno aprendeu e não aprendeu de forma qualificada e de controle, mas de ajuste contínuo do processo ensino aprendizagem. É um momento oportuno de verificarmos novas possibilidades de continuidade do projeto, esse momento permite também a avaliação do próprio docente da sua prática com foco no êxito e nas dificuldades apresentadas pelos alunos (as).



No processo avaliativo recomendamos a utilização do portfólio como um recurso que possibilita aos discente e docentes a reconstrução do processo aprendizagem. O uso do portfólio não tem um padrão do formato exigido para esse processo avaliativo, o que se prima nesse momento é a perspectiva de reflexão, a percepção dos pontos chaves que contribuíram para que os(as) discentes alcançasse o objetivo e a superação de problemas que existiu. Nesse contexto ressaltamos que a forma física do Portfólio não traz tanto significado, o importante é a constante reflexão das atividades realizadas, do êxito e adversidade tanto do(a) aluno(a) quanto do(a) professor(a), ou seja, é um instrumento que demonstra a reconstrução do processo aprendizagem dos discentes e as evidências das atividades desenvolvidas no projeto de trabalho. Nesse momento avaliativo é importante salientar que o próprio aluno tem autonomia para inserir os trabalhos no portfólio que irão evidenciar as tividades executadas e os momentos durante a realização do projeto de trabalho (HERNÁNDEZ, 1998).

Ou seja, o porfólio como recurso de avaliação possibilita a reorganização do processo aprendizagem dos discentes no projeto de trabalho.

A estrutura do projeto apresentada acima, não deve ser considerada como um modelo único, entretanto é o ponta pé inicial para o desenvolvimento de um Projeto de Trabalho que serve de base para a organização de uma proposta metodológica de ensino nesta perspectiva pedagógica. Sempre considerando os objetivos traçados e metas que queremos alcançar.



5 Guia Pedagógico das Atividades de um Projeto de Trabalho sobre o Reggae e Geografia na Sala de Aula

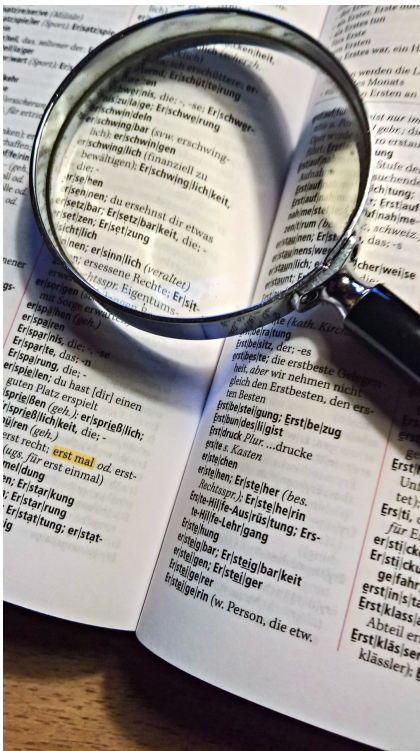
Salientamos que o planejamento é flexível, pois devemos considerar a possibilidade de alterações tanto no calendário como no contexto pedagógico, pois a tendência de um projeto de trabalho deve ser suscetível a possibilidades de novos eixos de conhecimentos, não podemos esquecer que o tema nessa proposição abre outras conexões para diversos campos de saberes. (ZABALA, 1998)

5.1 Ações pedagógicas desenvolvidas no projeto de trabalho

Após o planejamento é hora de focarmos nas ações a serem executadas durante o projeto de trabalho, as ações devem ser pensadas com base no que a escola proporciona ou nas condições que poderá viabilizar durante as pesquisas dos discentes, para que possamos organizá-las e por em prática aquilo que foi planejado. Outro ponto importante é que não esqueçamos de que as ações definidas devem estar em consonância com os objetivos traçados.

Assim, traçaremos algumas importantes ações desenvolvidas no projeto de trabalho.

5.2 Chamada para a sensibilização



Esse momento é caracterizado pela necessidade de sabermos sobre o que os (as) discentes sabem ou devem aprender a respeito do tema em enfoque. Para a chamada de sensibilização do conhecimento é salutar fazermos os levantamentos dos conhecimentos prévios dos discentes, instigá-los sobre a questão discutida.

Com essa perspectiva é que conduzimos o aluno para a mobilização do conhecimento, caracterizada com várias formas de sensibilização induzindo ao fomento desses discentes e que devem partir de provocações que possibilite o encandeamento entre o sujeito e o objeto. Ou seja, é possibilitar a sensibilização para o conhecimento, mobilizando o aluno por meio do seu fazer, pensar e sentir sobre o próprio objeto do conhecimento que o docente deve oportunizar por meio de metodologias que promova a construção do conhecimento na própria sala de aula. (VASCONCELLOS, 2005).

Deste modo o(a) professor (a) deverá conduzir esse momento de sensibilização preparando os discentes com indagações pertinentes ao tema do projeto de trabalho a ser desenvolvido em sala de aula, assim como também a outras possíveis perguntas que poderão surgir dos discentes, sensibilizando-os para os estudos propostos nesta metodologia de ensino configurado como projeto de trabalho.

5.3 Pesquisas sobre um enfoque globalizador

As pesquisas sobre o enfoque globalizador ou tema é de extrema importância na fase da execução do projeto. Permite ao educando sistematizar o conhecimento por meio de novas descobertas a ser elaborada no momento da pesquisa, são as relações que se estabelecem com o sujeito e objeto de estudo. Desse modo, as ramificações do enfoque globalizador contribui para construção do conhecimento pelos discentes.



5.4 Utilização do Google Earth Pro

A utilização do Google Earth Pro, tornou-se uma importante ferramenta utilizada pelos discentes, por meio dela tem a oportunidade de fazerem novas descobertas e se situarem no espaço geográfico. As ações estabelecidas nesse momento do projeto foram executadas pelos discentes com base nos espaços geográficos que tinham relação com o reggae a partir da sua realidade. Desse modo, iniciaram com a observação do Bairro de Fátima, São Luís, Maranhão e Jamaica, caracterizando geograficamente cada espaço destacado, e refletindo sobre as relações entre eles e sua característica em comum, o reggae. Essa ação fomentou o interesse dos (as) discentes, sendo que os próprios alunos (as) manuseavam a ferramenta, com isso, permitiu que eles (as) identificassem o seu próprio espaço geográfico em que se situavam, como a rua onde moravam e a rua da própria escola. Foi um momento de interação de todos e de construção do conhecimento a partir da sua realidade tendo como o eixo norteador o enfoque globalizador que chamamos de tema: o reggae.

Segundo SANTOS (2004, p. 103) o espaço geográfico “resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico”.

Google Earth Pro

É um recurso da geotecnologia muito utilizada como uma importante ferramenta na Geografia escolar e em outros âmbitos da sociedade.

*Obtenha mais informações em:
<https://earth.google.com/web/>*

Imagens retiradas do Google Earth Pro



Figura 09: Bairro de Fátima- São Luís-Ma

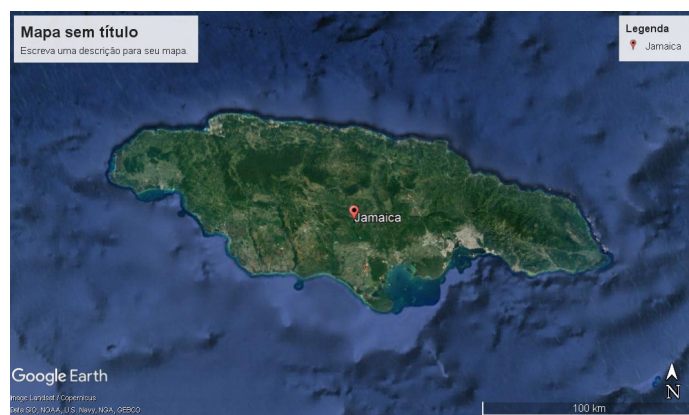


Figura 10: Jamaica
Fonte: Google Earth Pro

5.5 Organograma com nomes dos bairros de São Luís: territorialização do Reggae

Nesta proposta de intervenção sugerimos a produção de organogramas que devem ser produzidas pelos próprios alunos. A nossa proposição para esse tema foi a utilização dos nomes de bairros, os quais eram representando pelo reggae, com os objetivos de estabelecerem relações com os lugares de produção de reggae que se assemelhavam ao bairro de sua origem.

Premissas para a elaboração do organograma em EVA:

- Seleção dos bairros
- Preparação do EVA para montagem (recorte do material em formatos diversos (retangulares ou circulares))
- Escrita dos nomes dos bairros (digitados ou escritos manualmente). Caso sejam digitados estes devem ser colados diretamente no E.V.A.
- Escolha da palavra central
- Montagem do organograma
- Exposição do organograma e apresentação
- Materiais utilizados : Folhas de EVA; Cola branca ou de isopor; Cartolina; Papel; cartolina ou papel 40 K; Fita gomada



Figura 11: Produção de organograma
Fonte: Arquivo pessoal

Para a montagem do organograma com o EVA utilizamos cartolina para posteriormente ser exposto e apresentado pelos alunos. Nessa atividade interventiva os alunos se organizaram em grupos e as tarefas foram divididas entre as equipes. Recomendamos que a organização dos grupos seja composto de no máximo de 06 participantes, para que haja a possibilidade que todos participem das atividades proposta.

Divisão dos grupos de trabalhos e temas

GT 01 – Desenhos e recortes do organograma

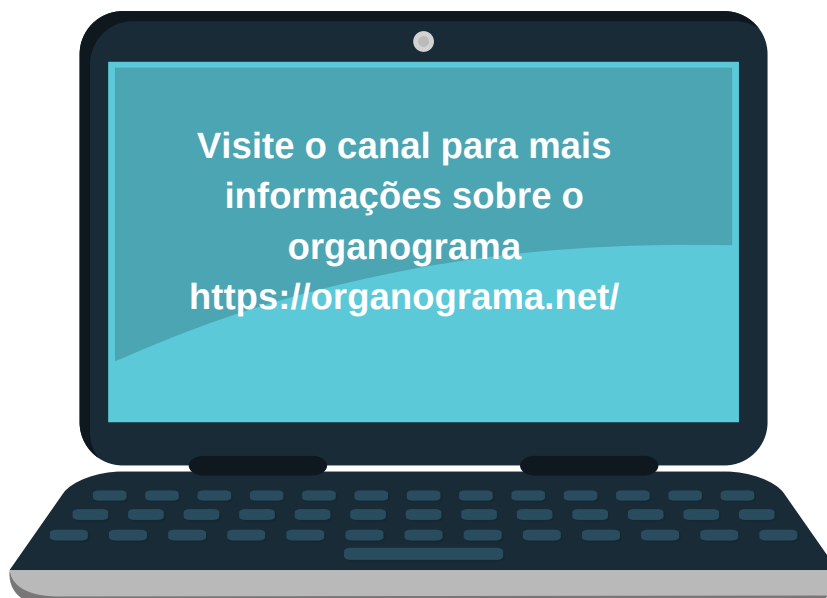
GT 02 – Nomeação e seleção dos bairros que tem bares de reggae

GT 03 Montagem do organograma

Todos: Exposição e apresentação do organograma

É importante salientar que cada passo das atividades realizadas durante a execução do projeto de trabalho, é necessário possibilitarmos aos discentes momentos e meios que para que possam refletir sobre o que estão aprendendo de forma que estabeleçam vínculo com o objeto de estudo para que possa haver a construção do conhecimento e o protagonismo no processo de aprendizagem seja garantido.

- O papel do professor é de mediador do conhecimento.



5.6 Reprodução e construção de mapas de alto relevo no contexto de São Luís e Jamaica

Essa etapa é marcada pelas ações dos discentes diretamente com o objeto de estudo por meio da prática e do envolvimento coletivo. Esse processo requer toda atenção do docente em todos os momentos experienciado na sala de aula. Pois os discentes são despertados a se envolverem em todo o processo dessa fase da atividade. Nesse instante surgem as dúvidas, desejo de aprender, de questionar, sugestões, ou seja, abre-se amplas possibilidades de aprendizagem por meio da prática.

Para a construção do mapa em alto relevo os discentes já devem ter realizado a pesquisa sobre o tema trabalhado, no nosso caso foi determinado espaços geográficos trabalhados: São Luís e Jamaica. Aqui o discente tem novamente a oportunidade de interagir sobre o objeto de estudo por meio da prática e da experiência. O material utilizado para dar efeito de alto relevo devem ser produzidos pelos próprios alunos (as).

- Inicialmente os(as) discentes se organizam em grupos de trabalhos novamente. Exemplos de divisão dos grupos de trabalhos:

GRUPOS DE TRABALHOS

GT 01 Preparação da massa para efeito de alto relevo

GT 02 Reprodução dos mapas

GT 03 Montagem dos mapas em alto relevo

GT 04 Pintura dos mapas

Todos: Exposição dos mapas



Esse trabalho oportuniza o discente a ramificar o enfoque globalizador por meio de outros enfoques que vão se estabelecendo com o nível de compreensão de cada um, a construção de conhecimentos vai sendo estruturadas e o processo de aprendizagem também vão se reelaborando, além do fomento por novas descobertas.

Para a produção da massa que dar o efeito de alto relevo precisamos seguir a seguinte receita.

RECEITA DA MASSA MATERIAL NECESSÁRIO

1 kg de Farinha de trigo
1 xícara de Óleo
2 colheres Vinagre
Tinta guache (cores variadas)
Água
Sal

PROCEDIMENTOS

- Misture todos os ingredientes e vai colocando água aos poucos, amasse bastante até formar uma massa consistente, o óleo e a água devem ser misturados de acordo com a consistência da massa, quando adquirir o ponto de que não gruda mais na mão, a massa já está no ponto. A tinta guache pode ser utilizada misturada na água ou depois da massa pronta e modelada pincelando de acordo com a cor escolhida.

Cuidados que devem ser seguidos:

- Deixar a modelagem secar pelos menos em uma semana;
- Realizar essa atividade de modelação com a massa caseira em dias sol, evitando o manuseio em dias úmidos, pois corre o risco de proliferação de fungos e dificultará a secagem;
- Colocar o mapa já modelado sempre em uma base firme como exemplo: se utilizar na cartolina, usar a base de papelão assim evitamos a quebra do material.
- Após essas recomendações o mapa já estará pronto para ser explorado e exposto no mural.

Observação: A massa deve ser manuseada pelos discentes, haja vista, de que se trata da ação do projeto de trabalho e que, portanto, os discentes são quem desenvolvem as atividades nessa perspectiva de ensino. O professor assume o papel de mediador nesse processo de ensino.

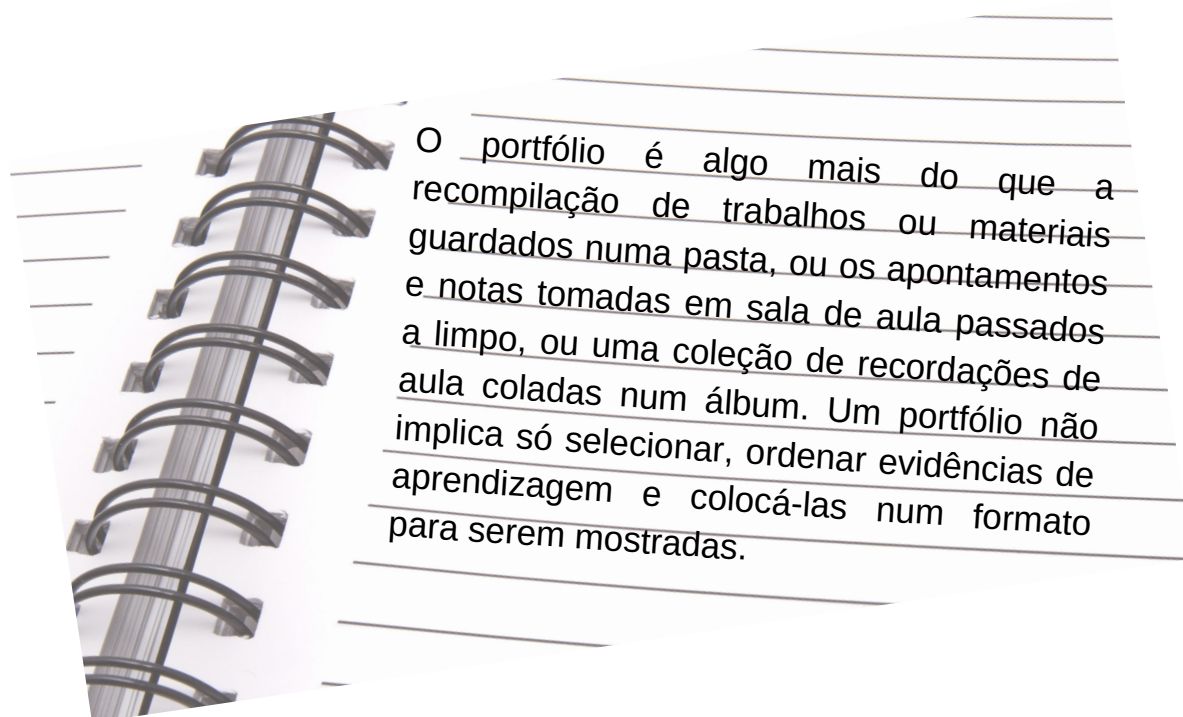
Os alunos, após produzirem a massa devem modelar os mapas que deverão estar previamente desenhados pelos grupos responsáveis, e posteriormente pintá-los.

5.7 Portfólio

Esse formato de organização de atividades, se configura como um importante dispositivo utilizados para amostragem ou demonstração das atividades pedagógicas realizadas em sala de aula. É uma importante ferramenta didática que oportuniza os (as) discente reconhecerem os caminhos traçados durante o processo de aprendizagem do projeto e além de ser um momento oportuno para que os docentes refaçam a reanálise do processo de desenvolvimento da aprendizagem.

O portfólio tem o papel de permitir a reflexão sobre o sucesso dos discentes, é caracterizado como uma modalidade de avaliação utilizada pelos docentes que devem ser construídas pelos discentes.

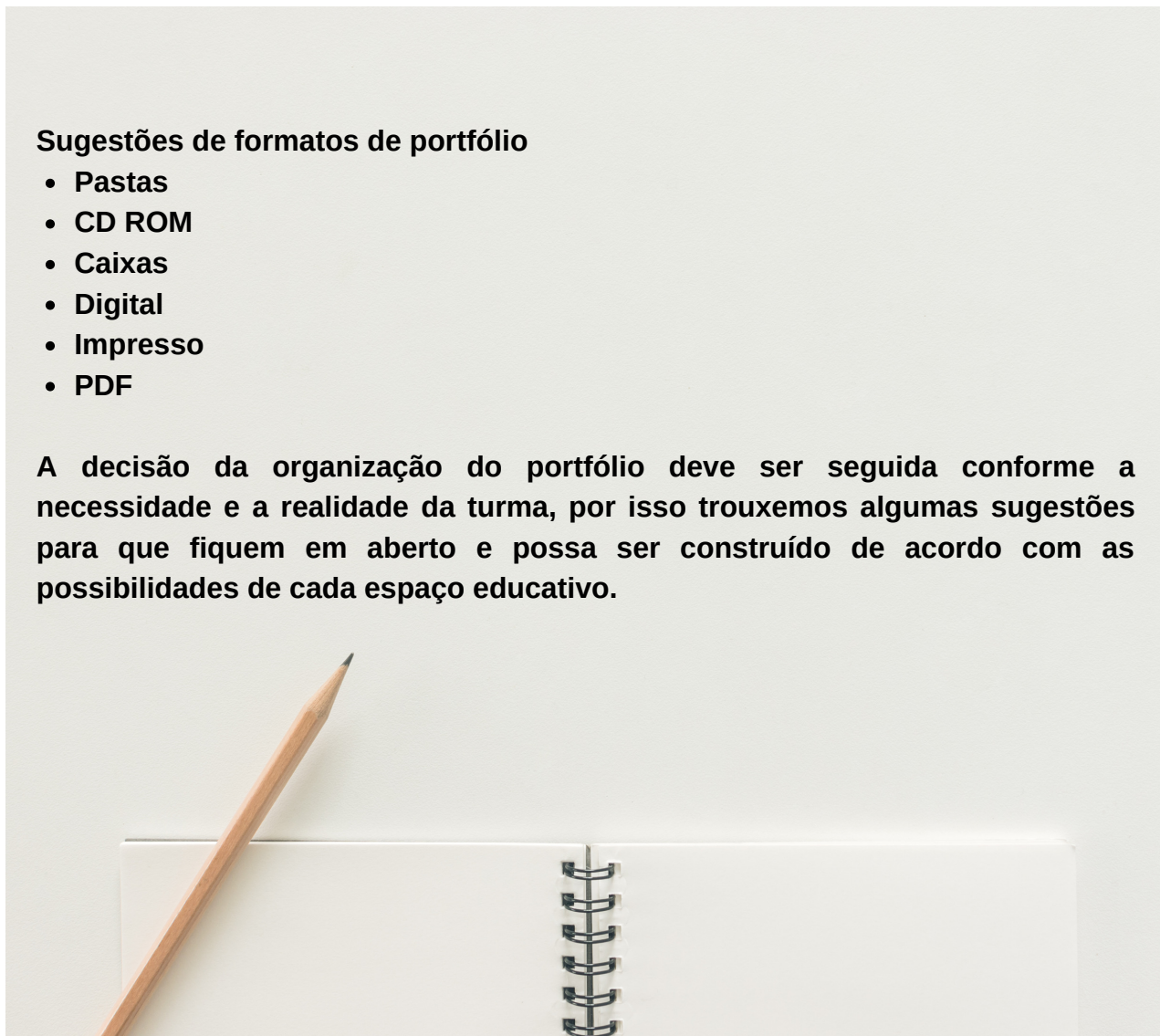
Segundo Hernández (1998, p.100)



Sugestões de formatos de portfólio

- Pastas
- CD ROM
- Caixas
- Digital
- Impresso
- PDF

A decisão da organização do portfólio deve ser seguida conforme a necessidade e a realidade da turma, por isso trouxemos algumas sugestões para que fiquem em aberto e possa ser construído de acordo com as possibilidades de cada espaço educativo.



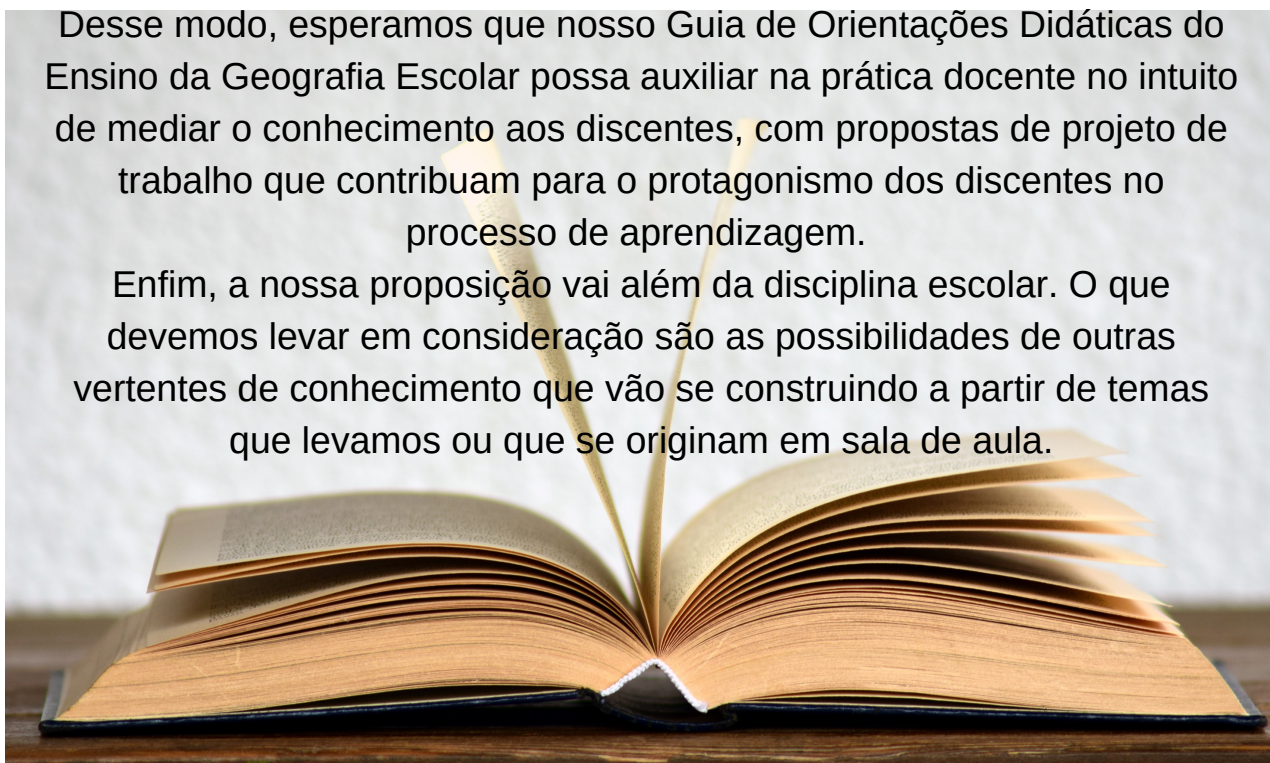
6 CONCLUSÃO

É importante salientar que não estamos receitando práticas de ensino, mas tratando de uma concepção de ensino que pode ser explorada na sala de aula por meio de práticas realizadas pelos próprios alunos, na ideia de promover um ensino emancipatório. Dessa forma, romperemos com práticas antigas que induzem à aprendizagem mecânica e a limitam a capacidade cognitiva dos discentes.

A proposição de desenvolvermos a prática docente por meio de projeto de trabalho se estabelece como uma forma inovadora de possibilitarmos aos discentes a produção do conhecimento em sala de aula, com várias conexões em processo contínuo da aprendizagem que nasce de um enfoque globalizador, mas não termina nele. Pois o que diferencia a Perspectiva Educativa de Projetos de Trabalhos é que o enfoque globalizador não precisa de uma disciplina para ser desenvolvido em sala de aula, mas que a partir de determinadas situações que são discutidas pelos(as) discentes/professores(as) manifestam temas que partem de uma necessidade, acontecimentos que surgem no cotidiano ou da realidade dos discentes.

Desse modo, esperamos que nosso Guia de Orientações Didáticas do Ensino da Geografia Escolar possa auxiliar na prática docente no intuito de mediar o conhecimento aos discentes, com propostas de projeto de trabalho que contribuam para o protagonismo dos discentes no processo de aprendizagem.

Enfim, a nossa proposição vai além da disciplina escolar. O que devemos levar em consideração são as possibilidades de outras vertentes de conhecimento que vão se construindo a partir de temas que levamos ou que se originam em sala de aula.



Sobre a autora

Rosângela Coêlho Costa Mestranda Em Gestão de Ensino da Educação Básica pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA. Especialista em Gênero e Diversidade na Escola – UFMA. Especialista em Política de Igualdade Racial no Ambiente Escolar-UFMA, Especialista em Educação Profissional integrada com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos. Licenciada em Geografia – Universidade Estadual do Maranhão- UEMA. Professora da Rede Municipal de Ensino de São Luís e da Rede Municipal de São José de Ribamar. Pesquisadora do Grupo de Estudo de Pesquisa e Investigação Pedagógica de Estudo Afro-brasileiros- GIPEAB/UFMA.



Sobre o orientador



Doutor em Educação pela Unesp/Marília-SP. Especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (RJ). Especialista em Avaliação à Distância pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é Professor Adjunto I da Universidade Federal do Maranhão, na qual leciona Metodologia da Pesquisa Educacional e Pesquisa Educacional. É graduado em Pedagogia pela UFMA. É membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). É sócio da Associação de Pesquisadores em Educação. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa Investigações Pedagógicas Afrobrasileiras (GIPEAB) do Departamento de Educação I (UFMA). É Consultor Ad hoc da FAPEMA. É Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da UFMA.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. In: Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

DEWEY, John. Os pensadores. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2017.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto alegre: Artmed, 2000.

HERNANDEZ, Fernando& VENTURA, Monserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KILPATRICK, Willian Reard. Educação para ua civilização da mudança. 14 ed. Tradução de Noemy S. Rudolfer. São Paulo: Melhoramentos, 1997

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SÃO LUÍS. Lei 4102/02 | Lei nº 4102 de 30 de outubro de 2002. Disponível em: <http://camara-municipal-de-sao-luis.jusbrasil.com.br/legislacao/574510/lei-4102-02>. Acesso em 08 abr.2018

SILVA, Ivia Rejane Ferreira. O ensino de cartografia escolar e geotecnologias em geografia através da utilização do software Google EarthPro. 2018. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**REGGAE E GEOGRAFIA NA SALA DE
AULA:
Guia de orientações
didáticas**

ROSANGELA COÊLHO COSTA